



DIPLOMACIA

# Tapete vermelho e metas modestas

Donald Trump recebe com pompa a visita do presidente chinês, Xi Jinping, a primeira em uma década. Mas o terceiro encontro bilateral no intervalo de um ano tem expectativas moderadas, concentradas nas disputas comerciais

» SILVIO QUEIROZ

A presença de Donald Trump e da primeira-dama, Melania, na pista da base aérea de Andrews, em Washington, dá uma medida razoavelmente clara da importância que a Casa Branca dá à visita de Estado do presidente da China. Xi Jinping desembarcou na noite de ontem com a primeira-dama, Peng Lyuan, e cumprirá até amanhã uma agenda que vai além da reunião bilateral marcada para hoje, seguida de jantar de gala na mansão presidencial.

O casal visitante será ciceroneado por museus e outras atrações turísticas e culturais. Mas, na interação entre os líderes, a pompa cerimonial dará lugar ao pragmatismo: sem a expectativa de acordos significativos em temas como a inteligência artificial, ou sobre o conflito no Oriente Médio, os diplomatas das duas partes se concentraram em prorrogar a trégua firmada em outubro passado, na Coreia, para a guerra das tarifas comerciais. Já em seguida ao desembarque, o secretário do Tesouro, Scott Bessent, anunciou a decisão de estender a vigência até janeiro.

“Receber na base de Andrews com tapete vermelho não é honra para um aliado qualquer, que dirá para um adversário, como o presidente da China”, comentou o estudioso de assuntos asiáticos David Sacks, do Conselho de Relações Exteriores (CFR), uma espécie de “laboratório político” do Departamento de Estado. “É algo realmente espantoso, sem precedentes”, observou.

## Interesse compartilhado

A ênfase na pompa espelha a recepção oferecida a Trump em maio, em Pequim, onde foi brindado com o raro privilégio de visitar o reservado complexo onde moram os altos dirigentes do Partido Comunista. A primeira visita de Xi à capital dos EUA desde 2015 marca, também, o terceiro encontro entre os dois no intervalo de um ano — outra indicação do interesse compartilhado em cultivar as relações, a despeito das divergências.

Em um briefing virtual promovido para a imprensa pelo Centro de Estudos Estratégicos e Internacionais (CSIS), sediado em Washington, o especialista em assuntos econômicos chineses Scott Kennedy apontou as expectativas limitadas de ambos os lados como uma construção destinada a fazer do encontro um sucesso, ainda que sem resultados de grande impacto. “Os chineses gostariam de estender a trégua comercial até o fim do mandato de Trump, mas a Casa Branca preferia apenas mais alguns meses, para manter a pressão.”

De um e outro lado, Kennedy identifica um cálculo político. “Com as eleições

Brendan Smialowski/AFP



Trump e Xi com as primeiras-damas, ao pé do avião oficial chinês, na base aérea de Andrews: recepção de gala e agenda movimentada na capital dos EUA



Receber na base de Andrews com tapete vermelho não é honra para um aliado qualquer, que dirá para um adversário, como o presidente da China"

David Sacks, especialista em Ásia no Conselho de Relações Exteriores



Com as eleições legislativas de novembro no horizonte, não é do interesse de Trump provocar uma crise com Pequim bem agora"

Scott Kennedy, estudioso de economia chinesa no Centro de Estudos Estratégicos e Internacionais

legislativas de novembro no horizonte, não é do interesse do governo Trump provocar uma crise com Pequim bem agora”, observa. Xi, por sua vez, se encaminha para consagrar mais um mandato à frente do Partido Comunista no congresso marcado para daqui a um ano. “Como para Trump, seu futuro político se assenta em manter um ambiente externo estável, o que implica manter as coisas em calma com os EUA.”

## Inteligência artificial

A disputa no terreno da alta tecnologia é outro terreno no qual os estudiosos veem potencial para algum tipo de anúncio, ainda que de alcance limitado. “A polêmica recente sobre uma possível desaceleração coordenada no desenvolvimento da inteligência artificial é apenas a parte mais visível de uma disputa muito maior”, disse ao **Correio** Gunther Rudzit, professor

de relações internacionais da ESPM. “Para Washington, estão em jogo a segurança da IA, semicondutores avançados e o acesso chinês à capacidade computacional americana”, explica. “Para Pequim, controles de exportação e restrições tecnológicas são vistos como instrumentos para limitar sua ascensão tecnológica.”

Rudzit aponta “um paradoxo interessante”, capaz de abrir caminho para algum avanço de interesse comum, ao menos

como resultado palpável da cúpula. “EUA e China competem para avançar mais rapidamente na IA. Mas, justamente porque a tecnologia avança rapidamente, também precisam discutir mecanismos para impedir que essa competição produza acidentes ou escaladas, especialmente no campo militar”, pondera. “Portanto, é possível haver algum diálogo sobre salvaguardas, mesmo sem qualquer acordo para frear a competição tecnológica.”

## NA ONU

# Presidente diz que Irã não se curvará

O presidente do Irã, Masoud Pezeshkian, não se intimidou diante das novas ameaças de Donald Trump e adotou um tom desafiador, ontem, ao discursar no plenário da Assembleia das Nações Unidas, em Nova York. Na primeira fala pública desde que Washington e Israel lançaram uma guerra total contra seu país, no fim de fevereiro, ele assegurou que a nação persa não se curvará diante das intimidações da Casa Branca.

Exibindo uma foto do aiatolá Ali Khamenei, Pezeshkian acusou os Estados Unidos de “terrorismo” pelo assassinato, no dia do primeiro grande ataque, do então líder supremo iraniano. Khamenei foi substituído pelo segundo filho mais velho, Mojtaba, que assumiu o cargo em 8 de março de 2026 após a morte de seu pai, o aiatolá Ali Khamenei.

“(O presidente dos EUA, Donald Trump) deve saber que a resiliência do povo iraniano só aumentará diante das avaliações, da

pressão crescente e da intimidação cada vez maior. Nunca baixaremos a cabeça ou nos ajoelharemos”, declarou.

Na véspera, Trump declarou, do mesmo púlpito, que estava disponível a opção de “aniquilar” o Irã. Em seguida, elogiou a retomada dos diálogos entre Teerã e Washington.

Pezeshkian declarou ainda que seu governo não permitirá que o Estreito de Ormuz seja usado para realizar agressões contra o território iraniano. Apesar da alta voltagem, os discursos dos dois presidentes não comprometem as reuniões à margem da assembleia da ONU para encerrar o conflito.

“Não podemos permitir que alguns tenham acesso livre e defendam seus interesses através desta via de navegação, enquanto que, ao mesmo tempo, usam essa via para nos importar sua agressão”, disse o presidente iraniano.

A presença de Pezeshkian na cúpula

diplomática da ONU, no coração de Manhattan, estava em dúvida, pois não estava claro se os Estados Unidos lhe deram um visto. Por fim, Washington concedeu-lhe a permissão, mas negou a vários membros da sua delegação.

## Voos cancelados

Ontem, companhias aéreas iranianas foram obrigadas a cancelar alguns de seus voos internacionais, após os Estados Unidos suportarem as avaliações contra o setor de aviação do Irã.

Um agente de viagens em Teerã disse à agência de notícias France Presse (AFP) que os voos para Bagdá, Mascate, Catar, Geórgia e Azerbaijão haviam sido suspensos, embora as rotas para outros destinos, incluindo a China, permanecessem disponíveis.

Como parte da campanha de pressão econômica contra o Irã, o secretário norte-americano do Tesouro, Scott Bessent, anunciou na segunda-feira que, a partir de ontem, as companhias aéreas iranianas estariam proibidas de voar para o exterior.

Nesse cenário, se um voo iraniano embarcar em outro país, as companhias estrangeiras ficarão proibidas de reabastecê-lo,

AFP



Pezeshkian exhibe foto do aiatolá Ali Khamenei, morto na ofensiva norte-americana

prestar serviços operacionais ou vender passagens para essa companhia aérea. Washington alertou que as empresas que violarem essas determinações serão listadas no sistema financeiro norte-americano.

O chefe do Conselho Supremo de Segurança Nacional do Irã, Mohsen Rezaei,

avisou os vizinhos para que não cooperem com essas avaliações. “Se um país cooperar com os Estados Unidos ou embarcar em aventuras ao lado deles, seus aeroportos não poderão mais operar voos com destino ao Irã”, declarou Rezaei, em entrevista à televisão estatal.